

**DE MAL-ESTAR EM MAL-ESTAR
ASSIM “CAMINHA” A HUMANIDADE.
UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DOS
DIREITOS HUMANOS**

Recebimento do artigo: 14/08/2008

Aprovado em: 09/12/2008

Maria Isabel Hodinik

São Paulo, São Paulo, Brasil

mishodinik@uol.com.br

Advogada, pós-graduada em Direito Penal e Processual Penal, mestranda em Direitos Fundamentais, ativista ambiental compôs a Comissão Municipal do Meio Ambiente de Embu das Artes onde atuou em câmaras técnicas. Atua na criação e manutenção de áreas de proteção ambiental. Ex-presidente da Comissão de Direitos Humanos da Subsecção da OAB de Embu das Artes.

Carlos Eduardo Bianca Bittar
(Orientador)

São Paulo, São Paulo, Brasil

edubittar@uol.com.br

Livre-docente e Doutor. Professor Associado do Departamento de filosofia e Teoria Geral do direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Professor do Instituto de Relações Internacionais da USP. Membro titular da Cátedra Unesco-USP de Direitos Humanos. Pesquisador –sênior do Núcleo de Estudos da Violência da USP. Presidente da associação Nacional de Direitos Humanos (ANDHEP/NEV-USP). Professor e pesquisador do Mestrado em direitos Humanos do UNIFIEO.

Sumário

1 Introdução. 2 A civilização. 3 As exigências da civilização. 4 O mal-estar por Freud. 4.1 O propósito da vida. 4.2 Os motivos de frustração do propósito da vida. 4.3 A civilização como responsável pela fonte social de sofrimento. 4.4 A pulsão para a morte, o grande mal-estar. 5 O mal-estar por Bauman. 5.1 O medo ambiente. 5.2 O fim do bem-estar social. 5.3 A impossibilidade de um projeto de vida. 5.4 Para onde rumam os Direitos Humanos? 6 O problema dos Direitos Fundamentais – outro mal-estar? 7 Conclusão. 8 Bibliografia.

Resumo

Sigmund Freud, de forma clara e apropriada, soube brilhantemente discorrer sobre o mal-estar da civilização. Zygmunt Bauman encontrou na obra do fundador da psicanálise um suporte para o desenvolvimento de outra obra, complementar e significativamente atualizadora da questão. Bauman não se apropriou da obra de Freud, mas, num certo sentido, apoderou-se de sua essência para alvejar o homem pós-moderno. Bauman abre a ferida que Freud diagnosticou e encontra um câncer. Revela todas as conseqüências da desprezada e não tratada enfermidade do homem civilizado, anunciada por Freud ao homem moderno, e não tem boas notícias para o homem pós-moderno.

Palavras-chave

Civilização. Bem-estar social. Modernidade. Pós-Modernidade. Sigmund Freud. Zygmunt Bauman.

1 Introdução

Em 1930 Sigmund Freud publicou um livro que veio a público com o título de *O Mal-Estar na Civilização*. Passados sessenta e cinco anos, Zygmunt Bauman publicou *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*.

O contato com as duas obras leva-nos à natural pergunta de qual seria a relação existente entre elas. E, também, à curiosidade de conhecer, havendo a relação, se seria de contraposição, de complementação ou de simples análise da primeira pela seguinte. A instigante questão é sintetizada neste artigo, mas não em sua amplitude, afinal são trabalhos robustos e só pontualmente se pode deles apropriar-se em tão reduzida proposta, como a permitida em artigos.

De qualquer forma, a essência do que Freud caracterizou como mal-estar do homem moderno será exposta. Da mesma maneira, o que Bauman apontou como mal-estar da pós-modernidade será, nos pontos essenciais, observado.

Ao final poder-se-á saciar a curiosidade e afirmar que existe, sim, relação entre as duas obras, e não se trata de relação de contraposição, de complementação nem de análise, mas de atualização de diagnóstico. Bauman abre a ferida diagnosticada por Freud no homem moderno e nos dá a notícia de que seu estado se agravou na versão pós-moderna.

Abstract

Sigmund Freud, in a clear and appropriate way, knew how to explain brilliantly the uneasiness of civilization. Zygmunt Bauman has found in Sigmund Freud, the father of psychoanalysis, the support for the development of a new complementary and significantly actual work on the subject. Bauman did not take over Freud's ideas but in a certain way absorbed its essence in order to attain the post-modern man. Bauman goes deeply into the bruise previously diagnosed by Freud and finds a cancer. He reveals all the consequences of the despised and non-treated infirmities of the civilized man, which had been announced by Freud to the modern man, and revealed no good news to the post-modern man.

Key words

Civilizations. Welfare. Modernity. Post-Modernity. Sigmund Freud. Zygmunt Bauman.

O mal-estar do homem moderno conteve-se na esperança de novos tempos sob a silenciosa tolerância natural de quem vislumbra futuro próspero. O homem moderno contava com o futuro promissor e se resignava na esperança. O homem pós-moderno, por sua vez, está sendo alvejado, a despeito de seus esforços, em sentido contrário, a dispor da própria dignidade. Este homem, cuja memória preserva o instinto agressivo recalcado em nome da vã expectativa de felicidade é, na atualidade, sujeito a desumanas, cínicas e cruéis imposições em nome da felicidade de poucos.

Para Freud, o homem cedeu um quinhão de felicidade em troca de um quinhão de segurança. Bauman demonstra que atualmente vivemos sob o império do *medo ambiente* e que a felicidade se reduziu à degradante expectativa de consumir. Diz: “Verdadeiramente moderna não é a presteza em retardar o contentamento, mas a impossibilidade de ficar contente”¹

Ambos alertam a humanidade de que a civilização destronou o homem do reino que um dia ele sonhou se apoderar. A sedução pela conquista do poder, de submeter a natureza e reinar sobre suas forças os fizeram fracos, e muito mais amedrontados e solitários.

2 A civilização

Desde que o homem controlou o fogo, ele deu início ao processo civilizatório. A esta conquista extraordinária seguiu-se tudo o mais que denominamos realização. Realizações e regulamentos passaram a forjar a civilização, condição esta que nos distingue dos demais animais, e o adiantamento que nos distancia de nossos antepassados.

A continuidade do processo de civilização, iniciado com o domínio do fogo, pelo homem, ligou-se a uma cadeia lógica, desejada pela humanidade, na busca pela proteção contra a natureza e pela convivência mútua. As intempéries do clima, a infertilidade da terra, os fluxos das águas, eram fatores que faziam dos homens seres nômades, cujas vidas se consumiam no vaguear e no lutar pela sobrevivência. O homem tinha um inimigo diário para combater e o combatia solitariamente ou em pequenos bandos, sem nunca descansar.

Natural e lógica, a proteção contra a natureza exigia integração e adaptação dos homens entre si, e a civilização nasceu desta necessidade. Ainda hoje, o conceito de civilização é formulado sob esse aspecto. Freud afirma contentar-se com a definição

¹ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 91.

soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos².

A proteção almejada construiu-se no agrupamento e na reunião de invenções. A construção de habitações e a confecção de roupas e de artefatos de proteção ao corpo passaram a suprir, ou, pelo menos, a minimizar a exposição ao clima. Essas conquistas, *de per si*, já possibilitaram a fixação do homem na terra, e a terra podia ser escolhida.

O homem passou a viver, então, em grupos maiores, em locais onde podiam permanecer e construir um foro, uma cidade, uma nação. Fixaram-se, naturalmente, próximos a fluxos contínuos de água, e também, onde a terra era fértil.

A implacabilidade da natureza, contudo, não concedeu descanso ao homem, impulsionando-o a novas conquistas, necessárias e possíveis. Assim se dava, contínua e sistematicamente, a busca de novas ferramentas a fim de mitigar os efeitos da intermitente predisposição da natureza em subordinar o homem à sua inexorável vontade.

A terra, outrora abandonada em determinados períodos, passou a ser usada até a exaustão no plantio sucessivo e ininterrupto, exigindo permanente cultivo. Lavrar a terra era necessário e, unicamente, as mãos humanas não dariam conta da tarefa. Novas ferramentas foram inventadas, animais foram domesticados e a água destinada à irrigação.

A cada instrumento novo, o homem recriou-se mais forte e capaz de superar a inimiga natureza. Ampliou seus limites transformando, em sua, a potência de suas ferramentas.

Hoje o homem é dotado, por exemplo, da potência dos óculos e do automóvel. O homem pode através do que inventou, desenvolveu e construiu. O homem se aperfeiçoou de maneira a acreditar que possui o poder de sua invenção. Assim, seu aperfeiçoamento limitou-se ao apoderamento de instrumentos e de ferramentas, que o transformaram no ser mais dependente dentre todos os existentes no reino animal.

Mas não é a dependência das ferramentas que vem impossibilitando o homem de se dar por feliz, e de usufruir o triunfo sobre as forças da natureza, que um dia o impulsionarem à busca da civilização. O que o impossibilita de acomodar-se e de

² FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. 1997, p. 41-42.

ser finalmente feliz é conviver com sua própria natureza.

A civilização cumpriu-se, mas o homem, da mesma forma como não podia viver sob o jugo da natureza, não pode viver submetido às exigências da civilização.

3 As exigências da civilização

Dentre outras exigências, a serem tratadas nos próximos capítulos, a civilização pressupõe beleza, limpeza e ordem. Tudo o que é civilizado é limpo e, portanto, ordenado. Pressuposição esta extraída da obra de Freud³ e pela qual tem-se que:

Evidentemente, a beleza, a limpeza e a ordem ocupam uma posição especial entre as exigências da civilização. Ninguém sustentará que elas sejam tão importantes para a vida quanto o controle sobre as forças da natureza ou quanto alguns outros fatores com que ainda nos familiarizemos. No entanto, ninguém procurará colocá-las em segundo plano, como se não passassem de trivialidades. Que a civilização não se faz acompanhar apenas pelo que é útil, já ficou demonstrado pelo exemplo da beleza, que não omitimos entre os interesses da civilização. A utilidade da ordem é inteiramente evidente. Quanto à limpeza, devemos ter em mente aquilo que também a higiene exige de nós, e podemos supor que, mesmo anteriormente à profilaxia científica, a conexão entre as duas não era de todo estranha ao homem.

Sobre essas indispensáveis condições da civilização, Bauman discorre afirmando que o estado de “limpo” ou “sujo” relaciona-se ao estado de “ordenado” ou “desordenado”.

A limpeza em sua concepção é o estado de ordenamento das coisas. O que está no lugar certo está limpo e não está “sujando” outras coisas. Bauman diz⁴:

O oposto da “pureza” – o sujo, o imundo, os “agentes poluidores” – são coisas “fora do lugar”. Não são as características intrínsecas das coisas que as transformam em “sujas”, mas tão-somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na ordem de coisas idealizada pelos que procuram a pureza. As coisas que são “sujas” num contexto podem tornar-se puras exatamente por serem colocadas num outro lugar – e vice-versa. Sapatos magnificamente lustrados e brilhantes tornam-se sujos quando colocados na mesa de refeições. Restituídos ao mundo dos sapatos, eles recuperam a pristina pureza. Uma omelete, uma obra de arte culinária que dá água na boca quando no prato do jantar, torna-se uma mancha nojenta quando derramada sobre o travesseiro.

A concepção de limpeza, nesse contexto de elo com a civilização, importa na

³ FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. 1997, p. 47.

⁴ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 14-15.

306 análise de uma questão apresentada por Bauman⁵

Há, porém, coisas para as quais o “lugar certo” não foi reservado em qualquer fragmento da ordem preparada pelo homem. Elas ficam “fora do lugar” em toda parte, isto é, em todos os lugares para os quais o modelo de pureza tem sido destinado.

Mais freqüentemente, estas são coisas móveis, coisas que não se cravarão no lugar que lhes é designado, que trocam de lugar por livre vontade. A dificuldade com essas coisas é que elas cruzarão as fronteiras, convidadas ou não a isso. Elas controlam a sua própria localização, zombam, assim, dos esforços dos que procuram a pureza “para colocarem as coisas em seu lugar” e, afinal, revelam a incurável fraqueza e instabilidade de todas as acomodações.

Conceber-se civilizado é, portanto, não sujar nem estar sujo, ou, ainda, não desordenar a ordem exigida pela civilização. Ante essa proposição, configurada e até um tanto intrínseca à mentalidade do homem civilizado, obtemos resposta para as atitudes individuais e coletivas de rejeição ao estranho e ao estrangeiro.

Indiscutivelmente, rejeitar o estrangeiro pelo simples fato de ser estranho não basta para a compreensão das atuais medidas tomadas, por exemplo, pela comunidade européia para impedir, e até apenar o estrangeiro em suas fronteiras; no entanto, é no substrato dessa proposição que vige o direito a que cada indivíduo europeu se vale para assentir com as medidas. Não se pode descartar a hipótese de que o cidadão alemão tenha anuído com o extermínio de judeus, de forma legalizada, pelo fato de serem eles os que estavam “sujando” o ambiente. Que a promessa de Adolf Hitler era de limpeza, isso não era desconhecido.

Os tempos são outros, diversos daqueles em que a idéia de limpeza étnica era consentida, mas não tão distantes em sua essência. Hoje o estranho, o “sujo” é outro, e por outras razões assim considerado; porém, é muito certo que sejam todos aqueles que não compõem o universo dos “limpos”. E quem são hoje os “limpos” senão aqueles que possuem, consomem e se avizinham da idéia primordial.

Sobre este ponto Bauman expõe⁶:

Uma vez que o critério de pureza é a aptidão de participar do jogo consumista, os deixados fora como um “problema”, como a “sujeira” que precisa ser removida, são *consumidores falhos* – pessoas incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser “indivíduos livres” conforme o senso de “liberdade” definido em função do poder de escolha do consumidor. São eles os novos “impuros”, que não se ajustam ao novo esquema de pureza. Encarados a partir da nova perspectiva do

⁵ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 14.

⁶ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 24.

mercado consumidor, eles são redundantes – verdadeiramente “objetos fora do lugar”.

Por meio dessa visão brilhante de Bauman, nos é permitido concluir que todo homem pós-moderno sofre da agonia de ver-se obrigado a conviver com a “sujeira”, afinal, os “consumidores falhos” estão em todos os lugares.

Nenhuma medida que a comunidade européia venha a tomar para livrar-se dos estrangeiros, ainda que resulte bem sucedida, trará a seus cidadãos tranqüilidade, pois lá dentro de sua “comunidade” também existem os “sujos” que não poderão ser expulsos ou expatriados. São seus (ex)escravizados, seus colonizados que adquiriram o direito de compor a “comunidade”. São seus desempregados e vítimas dos conflitos regionais ainda não apaziguados.

O agônico inconveniente de conviver com o estranho, o “sujo”, não será, portanto, eliminado, e o homem civilizado não atingirá um mínimo grau de conforto. Se, como Freud afirmou, a limpeza e a ordem são uma das exigências da civilização, e não sendo esta exigência cumprida, não resta ao homem civilizado nenhuma alternativa senão viver o desconforto.

Freud construiu a idéia e Bauman a suscitou de maneira a nos fazer compreender um dos problemas, ou melhor, um dos aspectos do mal-estar pós-moderno.

4 O mal-estar por Freud

Impulsionado a admitir que a fonte do sentimento de religiosidade constitui-se por uma sensação de eternidade, um sentimento “oceânico”, Freud, sem meios de contestar, uma vez que admite certa incapacidade de lidar-se cientificamente com sentimentos, dá início a uma construção bastante lógica de que “na vida mental, nada do que uma vez se formou pode perecer”⁷, ou seja, tudo, em circunstâncias apropriadas, pode manifestar-se novamente.

Ao consentir que o homem conserve um sentimento primitivo, Freud sentiu-se instigado a enfrentar o problema da preservação da memória ancestral.

Consistiria essa memória ancestral no acervo inalterado de sentimentos, conhecido por *instintos*. O instinto seria o estado mental inconsciente, que denominou *id*. À vida mental que se formou, ou estado mental consciente, denominou *ego*.

Id e *ego* coexistem sob a superioridade aparente do *ego*, suportado não pelo poder ou valor intrínseco deste, mas pelas desconsideração e desvalorização do outro, motivo de permanente conflito.

⁷ FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. 1997, p. 15.

A origem desse conflito encontra-se no fato de que o novo estado mental foi desenvolvido sobreposto ao estado mental primitivo. A mente humana não substituiu um estado por outro, mas sobrepôs um ao outro. E, ao se sobrepor, a nova mente danificou, traumatizou ou inflamou o tecido mental anterior. Seria como construir uma cidade sobre ruínas.

O que restou preservado do estado primitivo, portanto, não ficou intacto, mas arruinado e irremediavelmente recalçado. O novo estado mental é a fachada que o homem construiu sobre as ruínas. Essa fachada esconde um estado primordial não desenvolvido e, sobretudo, ignorado pela imposição de nova ordem: a civilização.

A civilização decretou a privação da satisfação do instinto, daí a incessante e desastrosa busca de felicidade pelo homem moderno. Para civilizar-se, o homem recalçou-se e não poderá algum dia ser feliz.

4.1 O propósito da vida

Naturalmente, o homem deseja obter felicidade. Todos querem ser e permanecer felizes.

Para atingir esse objetivo, a ação humana deve visar não apenas à supressão do sofrimento e do desprazer, mas também à experimentação de sentimentos de prazer, intensa e permanentemente.

Também de modo natural, as experiências de prazer podem ser intensas, mas permanentes não. Qualquer prazer permanente deixa de ser prazer. Freud cita Goethe⁸: “nada é mais difícil de suportar do que uma sucessão de dias belos”.

Assim, a felicidade resume-se a momentos, a experiências passageiras. A infelicidade, por sua vez, não perde sua força nem vigor se perseverar. Pode até se tornar crônica no indivíduo. E quais são os motivos da infelicidade, senão o sofrimento? – Freud reflete sofrimento a partir de três direções: de nosso próprio corpo, do mundo externo e de nossos relacionamentos com os outros homens.

4.2 Os motivos de frustração do propósito da vida

Nosso corpo envelhece, adoce e nos ameaça constantemente de dissolução. A decadência natural de nosso corpo sempre foi motivo de profundo sofrimento e, nos tempos atuais, tem sido francamente combatida por processos médicos de todo o gênero. A medicina desenvolve, testa e aplica dezenas de métodos de manutenção

⁸ FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. 1997, p. 24.

e de conservação do corpo utilizando medicamentos e cirurgias – como a plástica – que rejuvenescem. Contudo, o tempo é implacável e todos sabem que o corpo não resistirá.

A segunda fonte de sofrimento advém do mundo externo, “que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas”. Essa ameaça é tão evidente quanto à de dissolução do corpo. Semanalmente, sabemos da ocorrência de catástrofes e a cada ano elas se aproximam de nossas casas espantosamente, como resultado de nosso impiedoso saque à natureza.

Finalmente, nosso relacionamento com os outros homens é a fonte mais penosa de sofrimento que qualquer outra. Podemos nos conformar com a fatalidade da morte e das catástrofes por estarem além de nossas possibilidades de evitá-las; mas sucumbir à vontade, ao capricho ou à ganância de outro homem não nos é dado resignar.

Este sofrimento nos é impingido como acréscimo, conquanto não seja menos evitável.

4.3 A civilização como responsável pela fonte social de sofrimento

Dos três motivos ou fontes de sofrimento nos é claro e particularmente “justo” reconhecer que nunca dominaremos completamente a natureza, nem o efeito deletério do tempo em nosso corpo. Mas nossa atitude é diferente em relação à fonte social de sofrimento. E foi esta que a civilização cuidou de agravar, como assinala Freud.

Não admitimos de modo algum; não podemos perceber por que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós. Contudo, quando consideramos o quanto fomos malsucedidos exatamente nesse campo de preservação do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível fazer, por trás desse fato, uma parcela de natureza incontestável – dessa vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica.¹⁰

Quando começamos a considerar essa possibilidade, deparamo-nos com um argumento tão espantoso, que temos de nos demorar nele. **Esse argumento sustenta que o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos**

⁹ FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. 1997 p. 25.

¹⁰ FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. 1997 p. 37.

É admirável a genialidade de Freud na construção do entendimento em relação a quanto a humanidade se equivocou, afrontando a natureza como recurso de proteção e subestimando sua própria natureza.

Preceituar aos homens o dever de amar ao próximo como a si mesmo, ainda que seja seu inimigo, é tão antinatural como ordenar que não envelheçam, não morram. Extrair do homem seu silencioso e inconfessável desejo de eliminar o que ameace sua existência contrapõe-se à primordial razão que o levou a civilizar-se. Mormente, contraria a natureza que isto se dê sem a sublimação da agressividade, geratriz da defesa pessoal. Nada que tenha sido oferecido ao homem como substitutivo à agressividade ou como recompensa pelo amansamento sobranceou o instinto primitivo.

4.4 A pulsão para a morte: o grande mal-estar

O homem é agressivo e sua ação é dirigida para a morte, não para a vida. Nem mesmo o acenar de rigorosas punições aplacam a ira humana. A persistência da agressividade, da conduta dirigida para *tánatos*, para a pulsão da morte, constitui o grande desconforto ou mal-estar da civilização.

Pretendíamos-nos gentis e generosos por natureza, como ocorre em Rousseau, mas não somos.

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo, - *Homo homini lípus* ["O homem é o lobo do homem"]. Citado por Plauto, *Asinaria*, II, iv, 88.¹²

Não fôssemos apenas gentis e generosos, ainda assim não nos seria possível a convivência pacífica; e cumpriríamos o processo a serviço de Eros – que se propôs a civilização; porém, o natural instinto agressivo e a hostilidade recíproca obstam o processo civilizatório.

Em tudo o que se segue, adoto, portanto, o ponto de vista de que a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instin-

¹¹ FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. 1997 p. 38.

¹² FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. 1997, p. 67.

tiva original e auto-subsistente, e retorno à minha opinião de que **ela é o maior impedimento à civilização.**

Posso agora acrescentar que a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. Porque isso tem de acontecer, não sabemos; o trabalho de Eros é precisamente este. Essas reuniões de homens devem estar libidinalmente ligadas umas às outras. A necessidade, as vantagens do trabalho em comum, por si sós, não as manterão unidas. **Mas o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a esse programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte,** que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana.¹³

5 O mal-estar por Bauman

Partindo do pressuposto de que o conceito de civilização somente na modernidade é apreendido, Zygmunt Bauman afirma que Freud referia-se, na verdade, à modernidade embora utilizasse o termo “civilização” na obra *O mal-estar na civilização*.

Bauman, em *O mal-estar da pós-modernidade*, expõe a impiedosa condição a que o homem pós-moderno está submetido. Segundo a obra, que o homem moderno “trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade, por um quinhão de segurança”¹⁴, transformou-se no homem, cuja expectativa de felicidade passou a ser uma quimera; não obteve a segurança almejada, como também fez que suas vidas viessem a ser consumidas sob atmosfera do *medo ambiente*.¹⁵

5.1 O medo ambiente

Bauman especifica alguns fatores responsáveis do medo ambiente, como a desordem do mundo, a desregulamentação universal, o enfraquecimento da rede de segurança social e a indeterminação e a maleabilidade do mundo.

Quanto ao primeiro fator apontado, a desordem do mundo, os exemplos são de tal amplitude que exigiriam um estudo específico. Limitemo-nos a reconhecer que, com o fim dos blocos de poder, os conflitos entre as nações independentes, melhor,

¹³ FREUD. *O Mal-Estar na Civilização*. 1997, p. 81-82.

¹⁴ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 8.

¹⁵ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 33.

312 “abandonadas”, a floraram para reescrever fronteiras e expulsar o estranho.

O Primeiro Mundo, composto pelos países mais ricos, não estão do lado de um bloco ou de outro, como antes. Estão por si contra todos. O Segundo Mundo, antigas nações-membro, não existe mais. O Terceiro Mundo, que se opunha não somente aos blocos de poder, mas também ao princípio de bloco de poder, despertou para suas possibilidades.

As nações do Terceiro Mundo vivem a ilusão de que deixaram de inclinar-se às nações mais ricas e apresentam-se ao mundo com pretensões de participação política. Porém, economicamente dependem do Primeiro Mundo para ter comida e preservar o mínimo de sobrevivência.

A belicosidade presente nas relações internacionais dissemina o desentendimento, e o resultado é admissão – em alguns casos até o incentivo – de conflitos raciais, civis, políticos, ou de outros gêneros, em nome da segurança e do bem-estar regional. O incentivo, aqui sugerido, provém do interesse dos países ricos em policiar e em “pacificar” os pobres, além de “servir-lhes” com armas e suprimentos de combate.

Sobre esse fato cabe salientar o quanto o homem pós-moderno assente na prática da barbárie nas áreas de conflito, cujos acontecimentos nos são trazidos “ao vivo” diariamente, sem qualquer seleção de imagens. A mídia encarrega-se de “acostumar” seus clientes a saborear as cenas de violações e ofensas à integridade das vítimas, e tem se saído bem sucedida.

O sucesso obtido pelos meios de comunicação em formar apreciadores da barbárie, seus potenciais clientes, confirma a tese de Freud segundo a qual o homem é agressivo por natureza. Observação que não poderia deixar de ser feita.

E quanto mais conflitos são deflagrados e barbáries são praticadas, mais afeito ao ressurgimento do instinto de agressividade se torna o homem. Se vige a propensão das nações à luta, fortalece no homem o instinto para o combate e para a morte. Neste contexto, é a serviço de *tânatos que se coloca* a inclinação do homem pós-moderno.

Quanto à desregulamentação universal, Bauman nos apresenta um quadro aterrador, resultante da irracionalidade e da “cegueira moral” da competição de mercado. Ilustra o quadro com a informação de que na Europa foram expulsos do mercado de trabalho vinte milhões de pessoas; trinta milhões vivem abaixo da linha da pobreza. Refugos do mercado, sem qualquer oportunidade de comporem, ao menos, uma reserva de mão-de-obra.

Na América Latina, a situação é certamente mais grave. No Brasil, contamos

com a mais cruel das formas de distribuição de renda. A miséria se dissemina em proveito de alguns.

No mundo, todo o espectro da ruína ronda diuturnamente os lares, transformando operários em seres assombrados com a possibilidade da perda repentina da capacidade de arcar com o próprio sustento. Rege a instabilidade profissional sem promessa de carreira e de prosperidade. Em tais condições, os trabalhadores se vêem condicionados a regras desumanas de produção e induzidos a competir para a manutenção da permanência no mercado de trabalho, abrindo mão de todas as armas e artifícios que se fizerem necessários para garantir o mínimo. Assim, a dignidade se perde em busca de sua própria garantia.

Diz Bauman que o “meio de vida, posição social, reconhecimento da utilidade e merecimento da auto-estima podem todos se desvanecer simultaneamente da noite para o dia e sem se perceber”¹⁶.

Ante tão aterradora possibilidade, concreta e permanente, não se faz necessário maior aprofundamento no assunto para concluir que o homem pós-moderno não está, nem tem esperança de ser feliz.

Acrescente-se a isto dois fatores relevantes: o enfraquecimento da rede de segurança social e a indeterminação e a maleabilidade do mundo. Exemplifica o primeiro caso o descomprometimento nas relações de família e de vizinhança, segmentos que na modernidade serviam ao homem como refúgio e apoio, quando se encontrava fragilizado; o segundo reflete-se na regra de que tudo é instantâneo e volátil.

A respeito da indeterminação e da maleabilidade do mundo, Bauman faz o seguinte comentário¹⁷:

Essa é a identidade que se ajusta ao mundo em que a arte de esquecer é um bem não menos, se não mais, importante do que a arte de memorizar, em que esquecer, mais do que aprender, é a condição de contínua adaptação, em que sempre novas coisas e pessoas entram e saem sem muita ou qualquer finalidade do campo de visão da inalterada câmara da atenção, e em que a própria memória é como uma fita de vídeo, sempre pronta a ser apagada a fim de receber novas imagens, e alardeando uma garantia para toda a vida exclusivamente graças a essa admirável perícia de uma incessante auto-obliteração.

Essas observações iniciais de Bauman sobre a atmosfera do medo ambiente bastariam para concluir que o homem moderno demonstra sérias dificuldades para conquistar um pouco de felicidade. Porém, não fica por aqui.

¹⁶ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 35.

¹⁷ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 36-37.

314 **5.2 O fim do bem-estar social**

Há um relato de que um porta-voz da direita norte-americana teria afirmado que “o estado de bem-estar está morto”. Essa afirmação pode não ser verdadeira, não é, contudo, mentirosa.

A fim de discorrer com mais propriedade sobre o assunto, devemos analisá-lo nas fronteiras de nosso conhecimento, dentro de nossa casa: a nação brasileira.

Com exceção de alguns projetos sociais públicos, o cidadão brasileiro está abandonado à sorte se não pode pagar, ou entregue a regras de instituições criminosas, se pode. Haveria alguma necessidade de discorrer sobre a precariedade do sistema de saúde pública, de segurança, de educação e de previdência social, caso alguma dúvida restasse de que a rede de segurança social não estivesse notoriamente em colapso. O cidadão brasileiro paga para ter um mínimo de bem-estar social. Assim, privatizada a rede, que também é de qualidade sofrível, o brasileiro destina uma significativa parte de sua renda para um mínimo de bem-estar.

Ao pagar pelo que já pagou através dos impostos, os brasileiros são expropriados de quantias obtidas por meio de esforços extras. Ou seja, a exigência de um segundo emprego se coloca, senão faltará para garantir as demais necessidades.

A realidade brasileira não difere da que Bauman relata sobre outras nações, mesmo as ricas, como, por exemplo, os Estados Unidos. Acrescenta em suas observações um fato que corresponde ao observado no Brasil, de que o estado de bem-estar, quando é oferecido pelo Estado, não o é feito como direito, mas como caridade.

E caridade é donativo, é esmola. E quem vive de esmola não mantém íntegra a dignidade por muito tempo. Sem dignidade não se pode verdadeiramente ficar contente, tampouco ser feliz.

5.3 A impossibilidade de um projeto de vida

Bauman usa as figuras do turista e do vagabundo como epítome da civilização. O primeiro por reputar-se livre, deambulando por vontade própria, com lugar para onde voltar, o outro, por não ter de viajar, bastando-lhe um lar e poder ficar dentro dele.

Ambos viajam. O turista porque quer e o vagabundo por falta de escolha, e suas viagens não são feitas no espaço, mas no tempo. Ambos estão em contínuo movimento na busca de um lugar.

“Na vida do turista, a duração da estada em qualquer lugar mal chega a ser pla-

nejada com antecipação; tampouco o próximo destino.”¹⁸ O turista deve desejar o movimento, e se assim não fizer, será impelido por trás. Quem não deseja o movimento é o vagabundo, mas involuntariamente se movimenta, por não ter um lugar para ele.

A metáfora utilizada por Bauman atende a construção, dentre outras, da idéia de que o homem pós-moderno não é e não consegue se fixar em lugar algum, mais apropriadamente, não é e não consegue ter identidade. Para Bauman “O eixo da estratégia da vida pós-moderna não é fazer a identidade, deter-se – mas evitar que se fixe”¹⁹

Entretanto, pergunta:

Como pode alguém viver a sua vida como peregrinação se os relicários e santuários são mudados de um lado para o outro, são profanados, tornados sacrossantos e depois novamente ímpios num período de tempo mais curto do que levaria a jornada para alcançá-lo? Como pode alguém investir numa realização de vida inteira, se hoje os valores são obrigados a se desvalorizar e, amanhã, a se dilatar? Como pode alguém se preparar para a vocação da vida, se habilidades laboriosamente adquiridas se tornam dívidas um dia depois de se tornarem bens? Quando profissões e empregos desaparecem sem deixar notícia e as especialidades de ontem são os antolhos de hoje? E como se pode fixar e separar um lugar no mundo se todos os direitos adquiridos não o são senão até segunda ordem, quando a cláusula de retirada à vontade está escrita em todo contrato de parceria, quando – como Anthony Giddens adequadamente o expressou – todo relacionamento não é senão um “simples” relacionamento, isto é, um relacionamento sem compromisso e com nenhuma obrigação contraída, e não é senão amor “confluyente”, para durar não mais do que a satisfação derivada?²⁰

As questões postas por Bauman são pertinentes à vida racional, cuja norma é viver um dia de cada vez, sem a promessa de coerência e de lealdade de vidas a nada e a ninguém. Logo, sem projeto de vida.

Nesse contexto, todos os esforços são inúteis, mas todo esforço é imprescindível.

Sem poder contar com alguma perspectiva profissional e social evolutiva, com a realização de um projeto de vida, o homem pós-moderno se liquefaz e abandona a idéia da esperança.

Agrava-se a situação do homem pós-moderno, atento para o fato de que como é a sua, serão as vidas de seus filhos, já que a incoerência, marca de seu tempo, não está nele, mas no mundo em que vive e viverão seus filhos.

¹⁸ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 114.

¹⁹ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 114.

²⁰ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 112.

316 **5.4 Para onde rumam os Direitos Humanos?**

O estado de bem-estar social constitui-se pela garantia de direitos fundamentais, e a descaracterização desses direitos em obras de caridade, mais do que debilita a cultura do exercício do direito, despoja o homem de sua dignidade. Por isso, convém avaliar para onde rumam os Direitos Humanos – que nada mais são senão os próprios direitos fundamentais, idealizados a partir do reconhecimento de que “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum”²¹.

A consciência de ser naturalmente livre, e de ter o direito de comungar o fruto da terra têm sua origem, provavelmente, na noção de pertencimento a uma terra, a uma comunidade, a uma nação. Noção essa oriunda basicamente da língua e dos costumes.

Falando a mesma língua, comendo as mesmas comidas, cantando as mesmas canções e vestindo-se de igual maneira, sob este aspecto o homem se vê inserido num universo que ele reconhece como sendo seu lugar. Através deste reconhecimento de pertencimento, o homem sente-se senhor de um direito comum a todos, da mesma forma como reconhece a substancialidade de sua existência. Ser pertencido, nesse sentido, é ser digno dos atributos da terra e da riqueza da nação.

Nesse contexto, a dignidade constitui o direito de recebimento de um quinhão da riqueza da nação.

Para o homem pós-moderno, não basta ser reconhecido pelos valores morais, pois esses se reservam às relações privadas; é necessário o reconhecimento do valor de sua participação na construção e no desenvolvimento da nação.

Pertencendo a um universo em que o capitalismo rege as relações públicas, ou melhor, que a condição de consumidor e a formação de patrimônio são valores maiores, acima até mesmo do brio e da honra, o homem pós-moderno deposita sua crença no conceito de que dignidade não se possui sem a realização dos direitos de consumir, de constituir patrimônio e ter garantido seu quinhão de riqueza nacional.

Ter dignidade, portanto, é ter emprego cujo salário satisfaça o direito de consumir; ter o patrimônio protegido por um sistema de segurança pública; ser atendido pelo serviço de saúde pública e pela rede de ensino público.

Compõe-se assim a rede de bem-estar social, no quinhão da riqueza nacional, a que cada cidadão espera fazer jus. E fazer jus a algo é ter direito a algo. Não se

²¹ Art. 1º da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão – França, 26 de agosto de 1789.

admite que um direito seja convertido em caridade, pois caridade, segundo nossos dicionaristas, é disposição favorável a alguém em situação de inferioridade, e não a alguém em situação de igualdade. Ademais, caridade não se pode exigir.

Com todas essas implicações, a transformação do direito em caridade reflete-se na condição humana. O cidadão detentor de um direito passa à condição de beneficiário merecedor de compaixão.

De maneira que a dignidade, conceituada sob o prisma do recebimento de um quinhão do patrimônio acumulado por concidadãos, é subtraída no desvio dos quinhões de bem-estar social.

Agrava-se sensivelmente a situação quando o bem-estar social é deficitário, a ponto de não ser oferecido nem mesmo como caridade. Nessas circunstâncias, a humilhação é o sentimento, e a indignidade é a condição. O fato de mostrar-se impedido de exercer direitos fundamentais e de se encontrar despojado de sua dignidade, condicionado ainda à resignação, não permite imaginar que o homem se reconheça detentor de direitos humanos e confie aos outros um tratamento que não recebeu.

Suprimido o bem-estar social, suprimidos estão os direitos fundamentais e violados são os direitos humanos. Nessa conjuntura, faltam-nos razões para exigir respeito aos direitos humanos entre pessoas submetidas a um Estado violador sistemático destes direitos.

Afrontado pela violação contínua e progressiva de sua humanidade, o homem tem duas alternativas. A primeira é resignar-se até explodir. A segunda é explodir até enfrentar. A ação progressiva de resignar, explodir e enfrentar aparentemente se consumou na modernidade. Os fatos ocorridos durante a Revolução Francesa nos fazem crer que o ciclo se fechou após a carnificina que a explosão provocou. No entanto, não foi bem assim que ocorreu.

Lamentavelmente, a expansão da explosão não levou consigo sua essência, e o homem ingressou na era das maiores atrocidades jamais praticadas em toda a sua história: o século XX. À explosão não seguiu o enfrentamento esperado, senão em poucas nações da Europa.

No século XX, guerras mundiais, conflitos regionais e embargos econômicos entre nações resultaram em fome, miséria, doença e morte como nunca. Entre uma e outra guerra, entre um e outro conflito, os direitos humanos foram lembrados, exaltados e positivados para, em seguida, serem desrespeitados.

318 Este é, sem dúvida, um grande desconforto para o homem pós-moderno: viver na era dos discursos dos direitos humanos sem os sabê-los, sem experimentá-los efetivamente.

A face sinistra dessa era é a aflição exposta como resultado de erros praticados pelo homem comum, quando, na verdade, a ausência do bem-estar social advém da concentração de riqueza na mão de poucos, ou seja, do desvio dos quinhões de riqueza.

Produção de armas e de suprimentos bélicos para o fortalecimento do potencial ofensivo e de “garantia” da paz; surgimento de drogas de todo o gênero, lícitas para “curar” as doenças “inventadas” e ilícitas para “aplacar” a angústia; cultivo de alimentos para abastecer máquinas e não homens; esgotamento dos recursos naturais, cujos lucros concentram-se nas mãos de 1% da população mundial. Tudo nos leva a crer que a efetivação dos direitos humanos é a menor das prioridades das nações. Nações comandadas ou controladas pelos mesmos beneficiários dos lucros.

Tivesse o homem pós-moderno melhor entendimento do que está ocorrendo, sem dúvida saberia enfrentar o problema, porque, inegavelmente, ele chegou a um patamar evolutivo que lhe diz o que fazer – considerando aqui evolução como existência e conhecimento de um passado, de uma história. O homem pós-moderno tem história, e quem tem passado tem parâmetros para agir.

Mas o homem pós-moderno não compreende o que está acontecendo. E, afinal, não seria a supressão dos direitos humanos exatamente o fator que o impede de inteirar-se dos fatos? Não estaria o homem ocupado demais com a garantia de um mínimo de bem-estar a ponto de estar sem tempo para refletir?

O homem pós-moderno não tem nem sequer tempo para pensar, e a informação que recebe também não lhe proporciona condições para formar razoáveis conceitos, já que a informação que recebe é também produto de mercado a serviço do poderio dos detentores dos lucros.

A combinação dos fatores que impedem a concretização dos direitos humanos os inviabiliza, de forma que, talvez, afigura-se equivocado afirmar que os direitos humanos rumam para algum lugar ou tempo. Os direitos humanos esgotam-se a cada momento. Não avançam, nem recuam, apenas definham. Se recuassem saberíamos por onde recomençar, mas definham, abatidos, incrivelmente, por apenas um por cento da população, com o assentimento de forma voluntária de poucos, e involuntária de muitos, de noventa e nove por cento.

Para que esta realidade se modifique e que os direitos humanos encontrem um rumo, exige-se paciente reconstrução do imaginário popular, através da educação para a assimilação do potencial valor da consagração e do exercício desses direitos,

associando-se os reflexos da negação à inviabilidade de um projeto de vida, da felicidade ou mesmo da própria existência.

6 O problema dos Direitos Fundamentais, outro mal-estar?

O professor e pensador político italiano Norberto Bobbio associa-se à idéia de Freud e de Bauman, ao fazer os seguintes comentários:

[...] a sociedade histórica em que vivemos, caracterizada por uma organização cada vez maior em vista da eficiência, é uma sociedade em que a cada dia adquirimos uma fatia de poder em troca de uma fatia de liberdade. Essa distinção entre dois tipos de direitos humanos, cuja realização total e simultânea é impossível, é consagrada, de resto, pelo fato de que também no plano teórico se encontram frente a frente e se opõem duas concepções diversas dos direitos do homem, a liberdade e a socialista.²²

Através da proclamação dos direitos do homem, fizemos emergir os valores fundamentais da civilização humana até o presente. Isso é verdade. Mas os valores últimos são antinômicos: e esse é o problema.²³

Neste artigo afirmou-se que os direitos humanos não avançam nem recuam, mas definham, e se assim é, mostra-se razoável concluir, ante o pensamento de Bobbio, que isso resulte essencialmente na impossibilidade de efetivá-los. Considerando a devastadora realidade, o direito de liberdade restringe-se cada vez mais para dar lugar aos demais direitos fundamentais.

A antinomia referida por Bobbio emperrou o avanço dos direitos fundamentais no sentido de concretizá-los. E, como não se pode retroceder, produziu-se uma imobilidade que, se não for resolvida, se definirão na descrença, os direitos tão arduamente conquistados.

Tratando do problema da efetivação dos direitos fundamentais, em sua peculiar genialidade, Bobbio aponta que a “efetivação de uma maior proteção dos direitos do homem está ligada ao desenvolvimento global da civilização humana”²⁴.

Pois bem, sob o amparo das incontestáveis afirmações de Freud e Bauman, somos inclinados, muito modesta e humildemente, a discordar de que o desenvolvimento da civilização humana resulte na solução do problema. Isso porque mal-estar anunciado por Freud e diagnosticado ainda hoje por Bauman, resulta do processo civilizatório. Já sabemos que quanto mais civilização, menos liberdade, menos sublimação dos instintos primitivos, mais necessidades, mais desejos, mais deveres e, naturalmente, mais infelicidade e menos felicidade.

²² BOBBIO. *A era dos direitos*. 1992, p. 44.

²³ BOBBIO. *A era dos direitos*. 1992, p. 44.

²⁴ BOBBIO. *A era dos direitos*. 1992, p. 45.

320 Conjugar civilização com felicidade não tem sido possível, e conjugar direitos fundamentais com desenvolvimento da civilização humana certamente não teria sucesso.

O mal-estar que resulta da impossibilidade de concretização dos direitos fundamentais é demasiado grande. Sua magnitude leva-nos a absurda elucubração: o reconhecimento de que temos direitos fundamentais revelou-se em novo mal-estar?

Como se vê, estamos longe de solução. E, como afirma Bobbio, a tarefa que temos diante de nós talvez tenha apenas começado. Seria como dizer: Bem-vindos ao mundo dos estudos dos direitos fundamentais. Aceitamos sugestões.

7 Conclusão

O termo civilização transmite a idéia de educar-se, aperfeiçoar-se moralmente e elevar o grau de gosto e de intelectualidade. Há uma relação natural em se associar “civilizado” a tudo o que seja bom para a sociedade e, em conseqüência, para o indivíduo. Pressupõe abandono do estado de barbárie, cuja propensão à morte é característico. Civilizar-se, ao contrário de barbarizar-se, é tornar propenso à celebração da vida.

Bauman expõe que em sua essência o termo “civilização” contém a seguinte mensagem:²⁵

[...] se deixarmos as coisas à sua sorte e nos abstermos de interferir no que as pessoas fazem quando se deixa que ajam como entenderem, ocorrerão coisas demasiadamente horripilantes de se contemplar; mas, se abordarmos as coisas com a razão e submetemos as pessoas ao tipo correto de processo, temos todas as possibilidades de construir um mundo excelente, nunca antes conhecido por seres humanos. (Como resumiu Diderot, o teórico: ensinar às pessoas meios de se civilizar; retire-se o conhecimento e as pessoas reduzir-se-ão ao estado de barbárie primitiva. E, como expressou incisivamente Saint-Just, o praticante: as pessoas são eternamente crianças.)

O esperado da ação civilizadora se deu. Hoje o homem está distante do selvagem que foi em tempos ancestrais, não é mais predador como os demais carnívoros do reino animal, contudo, a besta no homem não foi domada.

A civilização se cumpriu, e a vida humana sucumbiu-se em suas tramas. Ao mal-estar que Freud detectou somam-se os identificados por Bauman, cuja exposição neste artigo não se esgota, na verdade, apenas se mostra.

Viver é ser, é compor-se num contexto familiar e social e, por conseqüência,

²⁵ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p.161.

pertencer-se; no entanto, nem a família restou para sermos. O ninho familiar se desintegrou de tal maneira que o homem já não é mais visto como o protetor de seus filhos, mas seu agressor. No passado, o homem não abstraiu nem renunciava de sua mais sublime vocação, criar e educar seus filhos. Viver era ter prole e transferir-lhe sua cultura, saberes e sentimentos.

A prole que o homem incansavelmente protegia e pacientemente educava passou, nos tempos atuais, a ser indesejada. Assusta o que os pais fazem com os filhos, diz Bauman. Hoje as crianças precisam de proteção contra os pais.

Se a promessa era de vida, a ação civilizadora enganou o homem. A pulsão para a vida não se realizou com a civilização e a pulsão para a morte é a grave moléstia do homem pós-moderno.

A despeito de a morte ser tratada fora de casa e a simbólica figura da caveira de capa preta com uma foice à mão ter sido excluída do imaginário coletivo, sua presença, em outras formas – agora reais –, é constante. Bauman comenta²⁶

A morte já não parece, aos homens e mulheres modernos, um esqueleto de veste preta brandindo a foice, que bate à porta apenas uma vez e cuja entrada não pode ser impedida. Significativamente, a modernidade não produziu outro símbolo para tomar o lugar da sinistra figura da morte; ela não tem nenhuma necessidade de um símbolo “unificado” alternativo, uma vez que a própria morte perdeu sua unidade do passado – acha-se, agora, dissolvida em minúsculas, mas inumeráveis, armadilhas e emboscadas da vida diária. Tende-se a ouvi-la batendo, agora, de quando em quando, diariamente, em comida rápida e gordurosa, em ovos contaminados de *listeria*, em tentações ricas em colesterol, em sexo sem preservativo, em fumaça de cigarro, em ácaros de tapete que causam asma, “na sujeira que se vê e nos germes que se não vêem”, na gasolina carregada de chumbo e nos gases desprendidos do chumbo, e assim ímundos, na água da bica tratada com fluoreto e não água não tratada com fluoreto, no exercício de mais e de menos, em comer demais e fazer regime em demasia, em ozônio demais e no buraco na camada de ozônio.

Como podemos avaliar, a morte não é apenas presente, diária e assídua na vida do homem; a morte é a vida do homem. Ela é, valendo-se de Bauman, o ovo que cada um come, é a água que cada um bebe, é o sexo e o ar. A morte está em todos os lugares, fora e dentro do homem.

Um homem que vive e vê a morte nas fundamentais e indispensáveis necessidades, como no pós-moderno, é um homem que morre, e o homem que morre relaciona-se com o outro guiado pela pulsão para a morte. Para ele, todo conflito se circunscreve na existência do outro com sua arrogante pretensão de viver, de

²⁶ BAUMAN. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1998, p. 217.

322 maneira que matá-lo será sempre a solução.

Assim caminha a humanidade, de mal-estar em mal estar, morrendo e matando, longe, muito longe da felicidade, objetivo da existência que, somente através da celebração da vida, pode-se alcançar.

8 Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 272 p. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Revisão Técnica: Luís Carlos Fridman.

BITTAR, Eduardo C. B. **O Direito na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. 456 p.

BITTAR, Eduardo C. B. Violência e Direitos Humanos: o pensamento crítico-freudiano e o estado de direito, na berlinda entre civilização e barbárie. **Revista Mestrado em Direito – Direitos Humanos Fundamentais**, 2, 197-226.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992, p. 25-47.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 116 p.